

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: LIONEL SOUKAZ
26 de Setembro de 2025

LA LOI X – LA NUIT EN PERMANENCE / 2001

um filme de **Lionel Soukaz**

Realização e Direção de Fotografia: Lionel Soukaz / **Interpretação:** Michel Guy / **Cópia:** Digital, legendado eletronicamente em português / **Duração:** 14 minutos / **Estreia:** França 1 de Janeiro de 2001 / Primeira exibição na Cinemateca.

LE SEXE DES ANGES / 1977

um filme de **Lionel Soukaz**

Realização, Direção de Fotografia e Montagem: Lionel Soukaz / **Cenografia:** Lionel Soukaz / **Interpretação:** Alain, Pierre Benz, Michel Cyprien, Olivier Desbordes, Didio, Dominique, François Duprat, François Fries, Patrice Gouron, David Jackson, Jean-Louis, Bruno Maddalena, Tom Myers, Lionel Soukaz, Patrick Talhouain, Kamel Tounssi.

Produção: Lionel Soukaz / **Cópia:** Digital, legendado eletronicamente em português / **Duração:** 45 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

Numa outra sessão deste ciclo, no contexto da passagem de **Race D’Ep** – assim como na conversa com Stephane Gérard – falou-se numa certa desilusão e surpresa de Soukaz com a censura desse filme, classificado como pornográfico. O problema do realizador com essa classificação não era moral ou terminológico – como poderia ser? – mas antes uma preocupação com a viabilidade e circulação da obra, dadas as limitações que tinham sido recentemente impostas a este tipo de cinema. Com efeito, em 1975 o Estado francês instituiu a informalmente chamada *Loi X*, legislação que redefinia o estatuto jurídico dos filmes pornográficos. A nova lei impôs uma taxa fiscal exorbitante sobre os bilhetes, restringiu a exibição a salas especializadas e afastadas dos circuitos centrais, e condicionou a promoção destas obras. O que nos primeiros anos da década tinha sido uma inesperada abertura – com filmes eróticos a circularem em grande escala e até a encontrarem eco no espaço cultural – converteu-se, de súbito, numa prática marginal. A classificação “X” deixou de ser apenas uma indicação de conteúdo, passando a significar exclusão, estigmatização e inviabilidade económica, e, por consequência uma tentativa de apagamento da cultura e da vida queer da época – no filme **IXE** Soukaz responde com uma radicalidade assumida a esta questão.

É justamente sobre esta realidade que o realizador regressa em **La Loi X – La Nuit en Permanence**, já alguns anos depois – dedicando-o a Nicole Brenez. O filme consiste na leitura performativa de um artigo publicado pelo mesmo em 1979 no *Libération*, onde evocava esse “fim de idade de ouro” do cinema X. Entre a memória e o arquivo, Soukaz não

documenta apenas a violência simbólica da lei, como reinscreve no presente a luta contra um dispositivo legal que reduziu o sexo filmado a marginalidade – e quem quiser aprofundar um pouco mais sobre esta questão do trabalho de Soukaz que consulte a folha da sessão de **Nu Lacté** e **Ixe** deste mesmo ciclo. Mais do que uma reflexão nostálgica, **La Loi X** torna-se um testemunho político e uma lembrança viva de como a censura se mascara de regulação e de como a imagem do desejo foi, e continua a ser, uma questão de poder.

Numa continuidade da sua prática, de fazer frente às regras e limitações sociais, Soukaz responde ao que considera ser outra violência estrutural em **Sexe des Anges**, um filme que vai além da habitual celebração do corpo masculino como matéria desejante para se centrar na questão, polémica e complexa, da sexualidade adolescente. Recusa os papéis impostos por uma sociedade que, nos anos 1970, reprimia e canalizava essa sexualidade para a dissimulação e o exílio simbólico — a mesma sociedade que censurava a sua obra e que, a partir daí, o faria com ainda maior ferocidade. Contra essa lógica binária e moralizante, o filme reclama um imaginário de travessia, onde o travestismo, o erotismo e o desejo emergem como formas de afirmação identitária e política – nos anos a seguir ao maio de 68 todos os aspetos da vida eram motivo de politização. A inocência dos adolescentes não é aqui um dado natural - ao contrário dos “anjos” a que são frequentemente associados - eles afirmam a sua sexualidade com autonomia, e intensidade.

É importante contextualizar que estávamos nos anos 70, e este era um aguerrido debate em França. René Sherer, irmão de Eric Rohmer, era um dos grandes signatários dessa defesa da sexualidade de menores, dizendo que a imagem da infância e adolescência na educação – os tais “anjos” – era muito diferente da real. Este foi inclusivo professor de Guy Hocquenghem - tão próximo de Soukaz - com quem teve uma relação quando este tinha apenas 14 anos. Nomes como Pierre Guyotat, Francis Ponge, Roland Barthes, Deleuze e Guattari manifestaram-se a favor desta autodeterminação das crianças e adolescentes para consentir. Deve, no entanto, dizer-se que esta posição ganhava também robustez devido à forte oposição à lei que proibia as relações homossexuais com menores de 18 anos, enquanto a maioria para as relações heterossexuais era alcançada aos 15.ⁱ

Se a sua radicalidade pode hoje soar excessiva ou desconfortável, deve admitir-se que é precisamente nesse desconforto que reside a sua força: a de recusar consensos fáceis e expor as zonas de tensão entre desejo, lei e política. Podemos alargar este revisitado da obra de Soukaz para nos lembrarmos que a regulação dos corpos e do prazer nunca deixou de ser uma arena de disputa, e que o cinema pode – e deve - ser, ainda, um espaço de liberdade.

Tiago Leonardo

ⁱ Parte deste contexto histórico teve como fonte o artigo de António Guerreiro para o *Público*, a contexto das denúncias de abusos sexuais na Igreja, intitulado “A Pedofilia, noutro tempo”, de 16 de Março de 2023.